

A neurose obsessiva, veredas freudianas: breves considerações

Alirio Torres Dantas Júnior¹, Recife

O artigo aborda a neurose obsessiva de acordo com a obra de Freud, usada como ponto inicial para a argumentação do autor, enfatizando a sua dinâmica metapsicológica. Com base na hipótese clínica de que o pensamento torna-se fonte de angústia, destaca o fato do recalque dos componentes sádicos da libido constituir o ponto de partida da neurose. O autor enfatiza que, como escreveu Freud, a luta defensiva é a sua principal característica, distinguindo-a das demais neuroses. Ele sugere que uma fragilidade da estrutura narcísica primária é uma das condições necessárias para a forma peculiar da apresentação da angústia e de suas defesas. Ao argumentar que o pensamento torna-se fonte de angústia, destaca as dificuldades técnicas resultantes e sustenta que o manejo da transferência representa a única solução clínica possível.

Palavras-chaves: Neurose obsessiva; Metapsicologia; Angústia; Luta defensiva; Defesas; Componentes sádicos; Recalque; Repressão; Transferência; Narcisismo

¹ Psicanalista. Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Recife e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

“*Pensar es insalubre*”! (Pablo Neruda)

No decorrer do século XIX, o termo neurose, inicialmente usado – ao que tudo indica – por William Cullen, no século XVIII, vai servir para classificar uma série de afecções variadas, as quais abrangiam o que hoje pertence aos campos da neurose, da psicossomática e da neurologia, e se caracterizavam, sobretudo, por serem funcionais, isto é, ocorriam sem inflamação ou lesão de estrutura do órgão.

À Freud, herdeiro de Maynert e Charcot, coube a tarefa de demonstrar a sua etiologia psicogênica, distinguindo as neuroses como entidades clínicas características e singulares.

Ao cabo dessa tarefa, não havia lhe restado outra alternativa senão a de fundar uma ciência – a psicanálise – nascida nas entranhas da alma humana, onde fincou o seu bastão: o inconsciente.

A psicogênese

A primeira descoberta de Freud, a de atribuir às neuroses uma causa psíquica, não representava nem uma novidade – Charcot já o sabia – nem uma ousadia – muitos, incluindo Breuer, acompanharam a sua reflexão. As diversas experiências com uso da sugestão hipnótica estavam tornando a psicogênese uma realidade muito eloquente.

Restava uma questão: de onde provinha essa dupla consciência? Foi então, ao respondê-la, na descoberta do inconsciente, que Freud se destinou a perturbar, com inquietante persistência e irritante impertinência, o *sono tranquilo da humanidade*. Muitos nunca o perdoarão por tamanho ultraje!

Esse inconsciente foi progressivamente sendo descoberto – e construído enquanto teoria – na escuta desses insondáveis pacientes, os neuróticos, que teimavam em sofrer sem motivo, em adoecer sem causa. A descoberta do inconsciente é, assim, o resultado dessa escuta atenta e paciente. Foi então, como é ainda hoje, na escuta singular de cada analisando, que o inconsciente se revelou à psicanálise.

As psiconeuroses de defesa

As primeiras classificações freudianas das neuroses vão opor duas classes de neuroses, agrupadas de acordo com os fatores etiopatogênicos. De um lado,

estavam as neuroses atuais: neurose da angústia, a neurastenia e a hipocondria. Por outro, havia as psiconeuroses: a histeria, a fobia (histeria de angústia) e a neurose obsessiva.

Separando os dois grupos, estava a noção de que as neuroses atuais seriam o resultado da ausência ou inadequação da satisfação sexual. Seriam atuais por terem origem no presente. As psiconeuroses, por sua vez, seriam o resultado de um conflito intrapsíquico, inicialmente provocado pelo trauma e, depois, passando a ser o resultado do atrito de forças mentais antagônicas.

O destino das neuroses atuais (apesar de Freud empregar o termo até muito tardiamente) será o de sucumbir à evidência de que, por trás da insatisfação atual, há sempre um conflito inconsciente, marcado desde o início pelas vicissitudes da vida pulsional e, em especial, da vida pulsional infantil.

Contudo, com as psiconeuroses, a trajetória será bem diferente. O seu destino, aqui privilegiado, vai ser o de permitir a construção do conhecimento psicanalítico. É claro que esta não é a sua função. Sua função – a das psiconeuroses – é sobretudo buscar a cura! É na constituição de uma demanda de tratamento que as neuroses – ou os neuróticos – fizeram trabalhar a Freud como fazem a cada analista, para que apresentassem uma inteligibilidade ao *nonsense* de seus sintomas.

As psiconeuroses e as defesas psíquicas

De um modo um tanto simplista, é possível crer que cada uma das psiconeuroses contribui à sua maneira para a compreensão de um tema em particular. É possível supor, ainda, que a histeria permitiu que Freud elaborasse o seu modelo da teoria do recalque e das pulsões. As fobias contribuíram singularmente para a compreensão da angústia. Neste caso, terá sido tarefa das neuroses obsessivas ensinar-nos, mais que qualquer outra, sobre os processos de defesa e sobre o conflito intrapsíquico. O próprio Freud manifestou-se sobre a importância da compreensão dos fenômenos obsessivos para a psicanálise: “A neurose obsessiva é, indubitavelmente, o tema mais interessante e compensador da pesquisa psicanalítica” (Freud, 1926 [1925]/1976, p. 136).

Neurose obsessiva – definição

Inicialmente, é preciso destacar que a neurose obsessiva foi classificada pelo próprio Freud (1925/1969), que, de acordo com Lowenfeld, se baseou no termo

Alirio Torres Dantas Júnior

obsessão – *Zwangsvorstellung* – introduzido em 1867 por Kraft Ebring.

A primeira referência de Freud às neuroses obsessivas data de 1896 (Freud, 1896a/1976), quando ele se viu forçado a essa “inovação nosográfica” (p. 168), uma vez que discordava da sua inclusão dentro da neurastenia, como então era pretendido. A princípio, dedicou-se a distinguir seus mecanismos psíquicos dos que eram próprios da histeria, na qual, segundo ele, o recalque possuiria um papel preponderante na construção do quadro sintomático, visto que, neste caso, teria êxito em afastar a ideia incompatível da consciência. Na estrutura histérica, o recalque tem maior eficácia como processo de defesa e consegue efetivamente isolar a ideia incompatível no inconsciente, de onde ela segue seu curso independente. Eis porque, na histeria, a angústia só ressurgue quando trazida sob a forma de dor, física ou psíquica, por meio do sintoma.

Na estrutura obsessiva, o que se vê é que a ideia incompatível, recalçada, é substituída por outra ideia através de uma “falsa conexão” (1894/1976, p. 64). Essas ideias substitutas, que se impõem ao indivíduo, desenvolvem-se como obsessões (Freud, 1894). É a primeira das duas características essenciais de tal estrutura, a saber: “1) uma ideia que se impõe ao indivíduo; 2) um estado emocional associado” (Freud, 1985 [1894]/1976, p. 89-90).

Portanto, a sua marca é, na aparência fenomenológica, a da ininteligibilidade. A neurose obsessiva, vista fenomenologicamente, é descrita como sendo a imposição de ideias recorrentes e imotivadas, desprovidas de sentido ou de causa, que adquirem um caráter compulsivo quando transformadas em impulsos ou ações. A essas ideias obsessivas, podem-se juntar pensamentos ou atos rituais, os quais se repetem de forma indefinida, sempre de modo incompreensível e associados a uma grande sensação de angústia.

Neurose obsessiva e determinismo psíquico

À psicanálise coube, como Freud não cessou de repetir em todos os 14 textos em que tratou do assunto, afirmar que “o ato obsessivo serve para expressar motivos e ideias *inconscientes*” (Freud, 1907/1976, p. 126, grifos do autor), eis que neles tudo tem sentido e pode ser interpretado. O estado emocional persistente está associado à ideia substituta, obsessiva, ambos ligados por uma “*mésalliance*” (1909/1976, p. 179) que resulta da conexão associativa entre a ideia recalçada e aquela que se instala em seu lugar.

A angústia, tão intensa nestes casos, é o resultado do fracasso das defesas.

E ocorre precisamente onde se achava o que existe de mais característico nos obsessivos, que é a luta defensiva.

A luta defensiva

Trata-se de neuroses de defesa, defesa contra o recalçado, como Freud considerou a princípio – no que, em última análise, estava certo –, ou defesa contra a angústia, como considerou em um momento posterior. É através dela que se denuncia, desde o Ego, o retorno do recalçado, quando os sintomas nada mais são que formas extremas de defesa que agem por meio da solução de compromisso entre as forças conflitantes.

Uma vez que, nas fobias, a angústia e o recalçado podem ser controlados através do deslocamento para um objeto, o qual, configurando o conflito, pode ser evitado, por outro lado, nas obsessões, aquilo que substitui o conflito são os próprios pensamentos do sujeito. Nelas existe a impressão de que se trava uma luta incessante contra o recalçado, mas uma luta em que as forças repressoras perdem terreno de maneira constante.

A neurose obsessiva tem origem, como qualquer outra psicose, na necessidade de desviar as exigências libidinais do desejo incestuoso. O recalque destina-se a combater o período de “imoralidade infantil”, quando a libido flui em sua doce polimorfia. A conscienciosidade, a vergonha e a repugnância são os sinais desse primeiro sintoma de defesa. Esse período – o da neurose infantil – deixará o pequeno obsessivo marcado por sentimentos de autoacusação relativos à sua feliz promiscuidade. “Toda obsessão neurótica que emerge na esfera psíquica decorre de repressão” (Freud, 1896b/1976, p. 196, grifos do autor).

O fracasso das defesas – auto – acusações

O período seguinte, o período da doença, é caracterizado pelo retorno do recalçado, isto é, pelo fracasso das defesas. As ideias obsessivas são essas autoacusações transformadas, que reemergem e que se relacionam à satisfação sexual infantil.

Em relação ao ato infantil, a ideia obsessiva aparece distorcida de dois modos: primeiro, o contemporâneo toma lugar do passado, e segundo, o sexual é tomado por um substituto análogo, mas não sexual. Se isto torna a ideia obsessiva absurda e sem sentido em sua fenomenologia, não logra êxito em afastar dela o

Alirio Torres Dantas Júnior

sentimento de culpa, pois ao Ego é dado saber, inconscientemente, a relação dessa ideia com aquela original. O sintoma fracassa em seu papel defensivo e lança mão de uma “defesa secundária”, composta de “medidas protetoras” (1896b/1976, p. 197) e ações obsessivas – as compulsões de repetição –, as quais possuem o objetivo de afastar a tentação, representada por qualquer pensamento que faça ressurgir o desejo recalçado, contrabalançando a pressão constante das pulsões. Ao mesmo tempo, tais “medidas protetoras” e ações obsessivas asseguram as proibições necessárias ao alívio da culpa e da ansiedade, despertadas pela emergência do desejo proibido. Essas medidas se manifestam através dos rituais e cerimoniais, tão meticulosamente realizados pelo inocente criminoso desse delíto fantasmático.

Rituais – a expiação penitente da culpa

Com efeito, o obsessivo comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento inconsciente de culpa – consequente ao desejo – e seus rituais, aparentemente destituídos de sentido ou causa, surgem como medidas de segurança contra o ressurgimento do desejo.

Ao mesmo tempo, estes rituais permitem que o sujeito exorcize a culpa do delíto fantasmático através da punição e do sofrimento. São rituais de penitência e expiação, tal como encontrado nas manifestações religiosas e nos cerimoniais mágicos.

O que aqui se pleiteia é que, tanto no sentimento de culpa inconsciente quanto nos rituais de expiação, enfim, naquilo que caracteriza o agir obsessivo, está em jogo uma peculiaridade do inconsciente, herança da vida infantil, a saber, a onipotência do pensamento. É essa onipotência que faz o obsessivo passível da culpa do desejo recalçado e jamais gozado, e é nela que ele deposita suas escassas esperanças de penitência, julgando – inconscientemente – que pode, por seu pensamento e rituais, anular aquilo que existiu e foi notado por Freud, que seria o desejo incestuoso.

A deformação da ideia – o fracasso do Ego no processo de defesa

O processo de deformação da ideia submetida ao recalçamento é semelhante àquele encontrado nos sonhos. O que penetra na consciência é um substituto distorcido – daí o caráter ininteligível dos sintomas – irreconhecível da ideia original. Ora, mas o Superego se comporta como se o recalque não tivesse ocorrido,

forçando o Ego a arcar com a responsabilidade pelo delito em questão, mesmo que, por força dessas exigências – e do temor à castração –, o Ego renuncie ao gozo prometido pelo desejo incestuoso.

Incapaz de gozar por força do recalque, o Ego, na estrutura obsessiva, encontra-se tolhido em toda via de ação motora, pois está acochado pelo sentimento de culpa, mesmo quando, após o recalque, tratar-se de gozo derivado ou substituto. Ele fica restrito a procurar satisfação unicamente nos sintomas.

Disso resulta, como veremos adiante, que todo o pensamento se torne erotizado e que, por consequência, seja todo ele passível de ser tomado na esfera do recalque.

O recalque: regressão e desfusão

O recalque, na neurose obsessiva, é também peculiar. Ele opera através de uma desfusão das pulsões, conseqüente a uma regressão pré-genital da libido ao nível da organização anal, que, na organização genital, unira as catexias destrutivas aos componentes eróticos da libido. Dessa desfusão, resulta que os impulsos agressivos – os quais viriam a compor a sexualidade genital – estão fadados a sofrer brutal repressão, enfraquecendo, de modo grave, toda a atividade erótica ligada à masculinidade, aqui tomada não na oposição entre homem e mulher, mas no sentido da oposição entre atividade e passividade. De acordo com Freud, a atividade como forma de expressão libidinal é suprida pelo impulso de domínio, que chamamos de sadismo quando encontramos a serviço da função sexual (Freud, 1913/1969). Ora, o recalque dessa atividade sádica deve inibir parte considerável da vontade ativa, da disposição à ação, que é fornecida ao sujeito precisamente por esse componente da pulsão, por essa característica masculina da pulsão, para ambos os sexos.

Ao mesmo tempo em que paralisa a atividade erótica ativa, o recalque dos impulsos agressivos deverá produzir a sua predominância na constituição do desejo inconsciente, destinando-se a determinar, no futuro, o curso dos novos impulsos libidinais que surgirão como tendências agressivas e destrutivas.

O Superego e a severidade da culpa: as formações reativas

Desta desfusão, decorrerá também a formação de um Superego severo que, ao se originar do inconsciente, não pode ser dissociado da desfusão. As formações

Alirio Torres Dantas Júnior

reativas, esses exageros na formação do caráter, são medidas protetoras situadas ao lado da repressão. Nesta condição, são manifestações da luta do Ego em se manter fiel às severas medidas de exigência desse Superego. O propósito das formações reativas é opor-se ao desejo recalçado, bem como ao seu substituto, o impulso ou ideia obsessiva – o “interesse perturbador” –, estabelecendo uma ação motora ou mental que, contrariando o interesse perturbador, procure assegurar o predomínio das forças repressivas.

A compulsão de repetição – o conflito

No entanto, por conta de sua conexão com a ideia perturbadora, a formação de reação traz em si o perigo do desejo que busca recalcar. É necessário que o ato se repita interminavelmente. Em alguns casos, torna-se preciso que uma forma peculiar de ação mental venha em socorro das defesas psíquicas, quando duas ações são operadas desde que uma venha a anular a outra. Este é o segundo motivo dos cerimoniais obsessivos – o primeiro já vimos, que seria evitar a ocorrência de um episódio que permita a emergência do recalçado – e é aquele que mais claramente demonstra a característica singular dessa organização defensiva, na qual, ao contrário das histerias e fobias, o sintoma não oferece uma síntese das forças em conflito, mas determina que as ações mentais devam satisfazer, separadamente, a cada uma das forças conflitantes.

Fracasso das defesas – o pensar obsessivo

Dessa forma, o conflito é agravado em duas direções: as forças defensivas se tornam mais intolerantes, ao passo que as forças do desejo ficam mais intoleráveis. Tal fato se deve a regressão da libido e sua desfunção.

O pensar obsessivo – modo utilizado por Freud para designar a estrutura obsessiva, onde se incluem os desejos, proibições, tentações, dúvidas, ordens ou impulsos, caracterizando-se como uma forma peculiar de organização psíquica – é a expressão dessa luta constante contra as tentações de um desejo recalçado. A dúvida e a certeza ruminantes do obsessivo são sua maneira desesperada de se atrair para fora da realidade. A dúvida é, em si mesma, uma medida protetora contra o efeito perturbador das fantasias inconscientes que teimam em irromper no pensamento.

Essa dúvida, que reflete a anulação da vontade e espalha a inibição da ação, é

também uma tentativa do obsessivo assegurar que não virá a cometer o ato proibido ao qual é compelido, desde o inconsciente, pelo desejo recalçado.

A erotização do pensamento – racionalizações

Para finalizar, é preciso falar da mais complexa – tanto para constituição do sintoma, quanto para o destino de uma cura – das características dessa estrutura. No obsessivo, não irá existir uma via de descarga motora para o impulso – como ocorre nas histerias e nas fobias –, uma vez que a ação está inibida. Neste caso, a via que se abre é a erotização do pensamento, “pois o prazer sexual que está normalmente ligado ao conteúdo do pensamento vê-se aplicado ao próprio ato de pensar” (Freud, 1909/1976, p. 246). A satisfação derivada do pensamento é tomada como satisfação sexual, no sentido erótico e no pulsional.

Por efeito de sua singular organização, a estrutura obsessiva é capaz de repetir-se, em sua enfadonha compulsão, sob as mais variadas formas de racionalização (Jones, 1908 cf. Freud 1911/1969, p. 68), o que deixa a ideia obsessiva quase invulnerável, a um passo da “ininfluenciabilidade” delirante. A causa da invulnerabilidade da ideia obsessiva e de seus derivados nada mais é do que a sua conexão com o desejo recalçado. “Se conseguirmos tornar essa conexão consciente, (...) também a obsessão estará resolvida” (Freud, 1896b/1976, p. 200).

No entanto, frente a essa invulnerável barreira de pensamento e a essa débil capacidade de agir – fruto das severas restrições ao Ego –, o caminho da razão está bloqueado. A via única para restabelecer a conexão é a meticulosa escuta da transferência, porque, para o obsessivo, o pensamento não é um caminho de cura, mas um testemunho da doença. □

Abstract

The obsessive neurosis, Freudian paths: brief considerations

Inspired by Freud’s work, used as a starting point for the author’s arguments, the paper addresses obsessive neurosis, emphasizing its metapsychological dynamics. It starts from the clinical hypothesis that thought turns into a source of angst. It underlines that the repression of the sadistic components of libido constitutes the starting point of neurosis. The author emphasizes that, as Freud has said, the defensive struggle is its main feature, differentiating it from the other neurosis. The author suggests that a frailty of the primary narcissistic structure is a necessary

Alirio Torres Dantas Júnior

condition for the peculiar aspect on how angst and its defenses manifest themselves. Reasoning that thoughts become source of angst, he emphasizes the consequent technical difficulties, and advocates that managing transference represents the only effective clinical approach.

Keywords: Obsessive neurosis; Metapsychology; Angst; Defensive struggle; Defenses; Sadistic components; Restraint; Repression; Transference; Narcissism

Resumen

Neurosis obsesiva, sendas freudianas: breves consideraciones

El artículo aborda la neurosis obsesiva inspirada en el trabajo de Freud, utilizada como punto de partida para el argumento del autor, enfatizando su dinámica metapsicológica. Partiendo de la hipótesis clínica de que el pensamiento se convierte en una fuente de angustia, destaca que la represión de los componentes sádicos de la libido constituye el punto de partida de la neurosis. El autor enfatiza que, como escribió Freud, la lucha defensiva es su característica principal, distinguiéndola de otras neurosis. Él sugiere que una debilidad en la estructura narcisista primaria es una de las condiciones necesarias para la forma peculiar de la presentación de la angustia y sus defensas. Argumentando que el pensamiento se convierte en una fuente de angustia, destaca las dificultades técnicas resultantes y sostiene que el manejo de la transferencia representa la única solución clínica posible.

Palabras clave: Neurosis obsesiva; Metapsicología; Angustia; Lucha defensiva; Defensas; Componentes sádicos; Represión; Supresión; Transferencia; Narcisismo

Referências

- Freud, S. (1969). A disposição à neurose obsessiva. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – O caso Schreber. Artigos sobre técnica e outros trabalhos*, (Vol. 12, pp. 399-409). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969). A negativa. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. XIX, pp. 293-300). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976). As neuropsicoses de defesa. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira*

A neurose obsessiva, veredas freudianas: breves considerações

das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Primeiras publicações psicanalíticas, (vol. 3, pp. 55-73), Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1894)

- Freud, S. (1976). Atos obsessivos e práticas religiosas. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – ‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos*, (Vol. 19, pp. 119-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1976). Hereditariedade e a etiologia das neuroses. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Primeiras publicações psicanalíticas*, (vol. 3, pp. 163-179), Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1896a)
- Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos*, (Vol. 20, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925])
- Freud, S. (1976). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Primeiras publicações psicanalíticas*, (vol. 10, pp. 157-222), Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1976). Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. Parte II – A natureza e o mecanismo da neurose obsessiva. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Primeiras publicações psicanalíticas*, (vol. 3, pp. 194-200), Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1896b)
- Freud, S. (1976). Obsessões e fobias: Seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Primeiras publicações psicanalíticas*, (vol. 3, pp. 85-100), Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1985 [1894])

Recebido em 02/03/2020

Aceito em 25/03/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Alirio Torres Dantas Junior

Avenida Domingos Ferreira, 4371/802

51021-040 – Recife – PE – Brasil

aliriodantasjr@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA